

Guto Leite. *Talvez um instrumento o que se houve no fundo*. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2017. 118 p.

Iniciado em 1922, no imponente Teatro Municipal de São Paulo, o Movimento Modernista Brasileiro por décadas ditou os trâmites estéticos da literatura nacional. Sua ampla influência pode ser percebida nos manuais que se propõem a mapear a história da literatura brasileira e, principalmente, no fato de nossa tradição teórica ter se dedicado, de forma decidida, a tentar responder as renitentes indagações sobre nossa quase esquizofrênica tendência a reivindicar como nosso tudo aquilo que não somos. Essa, contudo, parece ser atualmente uma verdade sob ameaça. A literatura contemporânea em geral – e a produção poética em específico – tem se mostrado cada vez menos disposta a prosseguir esse diálogo. Poetas como Marco de Menezes, Marília Floôr Kosby, Adelaide Ivánova, Angélica Freitas, Fabrício Corsaletti, Cristiane Sobral não apresentam mais, em sua lírica, quaisquer elementos de nacionalismo ou de busca por uma identidade nacional única. Estão, isto sim, preocupados em empreender projetos estéticos rigorosos, autorais, que dizem respeito a um combativo texto com cunho metalinguístico que, por vezes, vilipendia ilusões de pactos sociais amplos ou abstrações vetustas, como o conceito de nação. Esse parece ser, também, o caso de Guto Leite. Professor Adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o mineiro de Belo Horizonte é também um músico com carreira sólida. Essa intersecção, tão fértil quanto problemática, se assenta em experimentos de grande validade estética e alto teor de risco comunicacional. O resultado é uma poesia mcluhaniana, baudrillardiana, profundamente enraizada naquilo que diz respeito ao urbano, ao concreto, ao cotidiano político das ruas das metrópoles, mas com grande capacidade de diálogo com o sentimento de insatisfação social típico do nosso cancionário popular. Em *Talvez um instrumento o que se houve no fundo*, as dicotomias trabalham de forma a sabotar as zonas divisórias de conteúdo

e de continente, formando regiões de sombra e luz que ora iluminam o Brasil, e ora o apagam.

O livro inicia com “na primeira vez que morri”, em fonte Courier New, uma simulação que aproxima o estilo de fluxo de consciência com um tipo de narrativa febril supostamente inconsequente, como se prestasse algum tipo de reverência explícita ao movimento Beatnik. E essa referência pode ser especialmente cara ao autor, porque durante todo esse volume de poesias o que transparece é uma espécie de reivindicação do reconhecimento de uma superioridade técnica da poesia contemporânea em relação à poesia modernista, de quem a produção contemporânea tanto recebeu. “Se o teu verso não causa náusea ou suicídio é propaganda”, diz Guto Leite, e o retorno do termo *propaganda* parece remontar ao princípio da atividade hipodérmica, onde havia alvos definidos e atores específicos. Aqui no caso esses alvos são móveis, como os elementos ambulantes de todas as grandes concentrações urbanas atuais. A multiplicidade de alvos contrasta com a unicidade de propósitos: o único caminho possível para a arte seria ofender, magoar, desarticular, suspender, sabotar. E é por ele, pelo estreito caminho dos ataques, que o eu lírico segue, em uma versão poética de Campos de Carvalho, destilando irritabilidade e disseminando insatisfação a cada página.

Os poemas apresentados na obra são como pichações. Guto Leite é um interventor, alguém para quem o poema não pode ficar fixado à estrutura mole da discursividade do velho homem cordial holandiano. Trata-se aqui de um desfile de revides, de retrucamentos, de réplicas àquilo que se estabeleceu como sendo uma informal cartilha da forma. Em nome desse compromisso, é construída uma tipografia que não trabalha a serviço do texto, e por vezes parece emular um ato de improvisado, de precariedade, tal como um ataque marginal em busca da desarticulação das tradições e do centro. Não se trata, no entanto, de um mero diálogo com as experiências concretistas sobre o espaço-poema, ou tampouco há na obra qualquer piscadela em direção ao poema-protesto ou à poesia auto-intitulada marginal. Trata-se de um outro tipo de dobra, um tipo de limite sutil que, produzido no seio de uma suposta centralidade social, parece se projetar ainda mais para longe a fim de elaborar seu projeto estético. Em certos casos, essa operação parece se confundir com o discurso corrente de que seria necessária uma revisão crítica dos poderes do politicamente

correto e de seu efeito na expressão verbal cotidiana. O verso “o infarto do modelo *plus size* ninguém achou bonito” poderia, de certa forma, fornecer ao leitor ao menos uma mínima partícula de certeza dessa suspeita, não fosse ele mesmo uma denúncia sobre aquilo que se comenta como sendo respeito e que na verdade é desprezo. Nesse sentido, o que está em jogo não é o triunfo do politicamente incorreto, mas a estratégia de perversão de quem o diz defender. A saída não seria um retorno às soluções já visitadas – e sem dúvida ainda mais opressivas – e sim a aceleração em busca da trituração desse abismo existencial que é tentativa de aglutinar todas as diferenças sociais em torno de um mesmo denominador comum. A questão se mostra cada vez mais complicada, especialmente porque, a cada avanço alcançado, Guto Leite parece não resistir ao impulso sádico de apontar um novo retrocesso. Sobra até mesmo para o processo de integração dos negros na sociedade brasileira: “Uma negra católica é de uma violência”. Ao dizer isso, o texto foge de uma acusação mais óbvia que tem povoado o imaginário da literatura contemporânea, segundo a qual a identidade neopentecostal seria hoje dominante na cultura brasileira, em detrimento da moral católica.

A lista de pichações literárias se acumula, como uma prateleira onde os conceitos são mercadorias aparentemente à disposição de todos, mas com um preço maior do que o suportável: “As pessoas que se jogaram do world trade center ainda estão caindo”; “era preta, pobre, trans e a pior pessoa da classe de 92”; ou ainda: “Deus é apenas um tipo de vaidade”; e “A caverna ao menos era real”. Em todos esses poemas, que funcionam como cartões em uma produção audiovisual, dois temas recorrentes, duas obsessões que parecessem incontornáveis para o autor: a raça e o suicídio. Raça aqui aparece como aquilo que poderia determinar não outro curso senão aquele que se apresenta como triunfante, um determinismo literário, uma distopia da democracia racial. Assim, qualquer tentativa de tolerância estaria, já de saída, comprometida por nossas agendas íntimas, que esmagam qualquer pretensão de *marketing* social. O outro tema relevante, o suicídio, aparece como tentação, como saída, como provocação e como conselho. É a autoaniquilação dos seres humanos, das escolas literárias, do limite, da régua, da forma, daquilo que outrora desejou-se moderno. Na metáfora clara de Guto Leite, propõe-se, na esteira dessa destruição, o desaparecimento categórico da estética modernista. Na página 76, por exemplo, até

mesmo a diagramação da mancha tipográfica impede o encontro dos leitores com a ordem do poema, do texto, de seu começo, o encontro de sua linha condutora. Está em curso mais uma edição do longo projeto de superar a modernidade. O livro em questão traz em si próprio o germe de sua destruição. É um livro sem receios de fazer de seu próprio corpo o combustível para a superação da estética que o gerou; é a força destruidora, a antítese que vem da tese, o thanatos criador, que exibe seu poder sem titubeios ao encontrar um interlocutor atento.

Depois de todas as atualizações, falseios e recuos, o Brasil finalmente abandona o Modernismo. Para trás ficam os projetos nacionalistas generosos; para trás ficam os pedágios pagos a modalidades fetichizadas de indivíduo-comum; para trás ficam os arquétipos inconsistentes, os padrões estéticos que se reproduziram em quase espantosos cem anos, através da nociva máquina de reprodutibilidade estética (e aqui não técnica) da falta de talento. *Talvez um instrumento o que se houve no fundo* encerra, de forma plenamente satisfatória, esse período, com muito texto e algum silêncio.

Luiz Maurício Azevedo da Silva
Doutor pela Unicamp